



ARTIGO



Velhice e homossexualidade: Trajetórias de mulheres lésbicas idosas

Fannya Talilia Batista de Souza, *Universidade São Judas Tadeu (USJT/SP)*

Ianara Cristóvão de Holanda, *Universidade São Judas Tadeu (USJT/SP)*

Michelle de Jesus Dias, *Universidade São Judas Tadeu (USJT/SP)*

Rodrigo Jorge Salles, *Universidade São Judas Tadeu (USJT/SP)*

Resumo: O aumento no número de idosos na população brasileira coloca em pauta a necessidade de investigações sobre a pluralidade do envelhecer, incorporando a essa temática discussões sobre gênero e sexualidade nesta etapa da vida. A presente pesquisa teve como objetivo analisar as percepções sobre a trajetória de vida de mulheres idosas e lésbicas. Trata-se de um estudo de campo com metodologia de base qualitativa. Participaram da pesquisa três mulheres lésbicas idosas, associadas a uma organização sem fins lucrativos localizada na região metropolitana de São Paulo. Foram realizadas entrevistas semidirigidas com perguntas sobre a trajetória de envelhecimento das participantes. Os dados foram analisados a partir do procedimento de análise de conteúdo. Os resultados revelam que as participantes tiveram muitas dificuldades na auto aceitação da lesbianidade e diferentes desafios em viver suas relações afetivo-sexuais ao longo da vida. Foi observado que as atuais condições sociais e financeiras conquistadas na velhice possibilitam uma maior liberdade e autonomia para viver suas relações, sendo destacado também a importância das ONGs e do amparo social nesta etapa da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Homossexualidade. Mulheres. Gênero.

Introdução

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019), os idosos no Brasil representam 13% da população geral, correspondendo a 28 milhões de pessoas. Segundo a “Projeção da População”, divulgada em 2018 pelo IBGE, a tendência é que este percentual dobre nas próximas décadas, e que em 2043 as pessoas com mais de 60 anos representem um quarto da população brasileira. Este cenário de transição demográfica traz mudanças na compreensão e posicionamento sobre a velhice no âmbito social, cultural, político e econômico (FERNANDES-ELOI, 2017).

Ainda que existam modificações na assistência em saúde, favorecendo a conquista da longevidade da população brasileira, a velhice ainda é carregada de estereótipos e preconceitos, prevalecendo crenças e mitos derivados de uma percepção reducionista, atrelada exclusivamente ao declínio das funções físicas (ARRAIS; LIMA; SANTIAGO, 2014). Dentre estes mitos, observa-se a perpetuação da crença na assexualidade do idoso, desconsiderando as diferentes formas de expressões subjetivas nas relações de afeto e desejo (ANTUNES, 2017; CRENITTE; MIGUEL; JACOB FILHO, 2019).

É importante ressaltar que a sexualidade independe da idade e pode ser experienciada de maneiras diferentes a depender da satisfação de cada indivíduo, não existindo, portanto, uma norma quanto a como e quando deve ser vivenciada. A sexualidade pode ser experimentada de modo amplo, com distintas atitudes, carinhos, movimentos, toques, não estando restrita ao contato físico e genital (ARRAIS *et al.*, 2014; CRENITTE *et al.*, 2019; FERNANDES-ELOI, 2017; LEMOS, 2015).

A análise da literatura evidencia que as discussões sobre a sexualidade do idoso ainda são incipientes, e quando o tema é abordado, as explanações partem de uma perspectiva universalizante da heterossexualidade, que ainda é vista, historicamente, como o ideal de sexualidade “natural” e “normal”, consolidando-se socialmente como o único modelo de orientação sexual-afetivo legítimo (FERNANDES-ELOI, 2017; PEREIRA; CHAVES; SANTOS; SÁ; ARRAIS, 2015). As relações sociais, políticas e econômicas são baseadas na concepção da heteronormatividade, excluindo as pessoas que não se encaixam nestes moldes para qual a sociedade foi historicamente pensada e estruturada (LEMOS, 2015; SAFFIOTI, 2004).



Os estudos voltados para a sexualidade em idosos ainda reproduzem uma visão heteronormativa, e como consequência, outros temas como a homossexualidade na velhice, ainda são pouco explorados nas investigações, mantendo a orientação heterossexual como referência para discussões sobre a sexualidade nesta etapa da vida (ARRAIS *et al.*, 2014; PEREIRA *et al.*, 2015). Esta postura por parte da comunidade científica contribui com a manutenção da invisibilidade dos idosos da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades de gênero), influenciando diretamente na qualidade das práticas e políticas públicas voltadas para essa população (HENNING, 2017).

As orientações sexuais que fogem das normas pré-estabelecidas pela sociedade sempre foram vistas como desafiadoras e intrigantes, provocando repulsa, desprezo e abominação (ARRAIS *et al.*, 2014). O conjunto de sentimentos e comportamentos contrários a pessoas que se consideram ou são consideradas homoafetivas é caracterizado por homofobia. A homofobia pode ser manifestada de diversas maneiras, por meio de preconceito, hostilidade, depreciação, desvalorização, fúria, agressividade verbal ou física, e até o homicídio motivado pelo preconceito (ANTUNES, 2017; FERNANDES-ELOI, 2017).

Dentre os diferentes grupos minoritários que vivenciam os estigmas da velhice assexuada e/ou concebida unicamente a partir da dimensão heteronormativa, Fernandes-Eloi (2017) chama a atenção para a exclusão social das idosas lésbicas. A sexualidade destas mulheres, assim como todas as possibilidades de orientação sexual, é dinâmica e interage constantemente com os processos vividos em sociedade.

Do ponto de vista histórico, a mulher foi por muito tempo considerada inferior ao homem, sendo essas concepções sustentadas por justificativas biológicas e essencialistas. Mesmo com todas as lutas e conquistas em relação à igualdade de direitos entre homens e mulheres, assim como a heteronormatividade, a hierarquia e o estabelecimento de papéis masculino e feminino foram naturalizados socialmente (FERNANDES-ELOI, 2017; SAFFIOTI, 2004). Atualmente, as práticas e ideias que consideram a superioridade do homem sobre a mulher, subjugando-as e as colocando em uma posição subalterna, são consideradas como machismo (ANTUNES, 2017; SAFFIOTI, 2004).

Desse modo, as idosas de hoje cresceram e envelheceram em uma geração profundamente conservadora, em que a heteronormatividade era incontestável, sendo o único modelo socialmente aceito. Como consequência, muitas vezes, reprimiam e continham sua verdadeira sexualidade. Para muitas idosas lésbicas, o temor da repressão no microcosmo familiar, a partir da reprovação pelas figuras parentais, fez com que a orientação sexual só pudesse ser vivenciada tardiamente na velhice (ANTUNES, 2017; CRENITTE *et al.*, 2019; FERNANDES-ELOI, 2017; URQUIZA *et al.*, 2020).

Lemos (2015) analisou em seu estudo, a trajetória de vida de duas mulheres lésbicas idosas e um homem idoso homossexual, mostrando como o preconceito afetou a vida destas pessoas. Os participantes relataram discriminações que sofreram da própria família, que vão desde comentários sarcásticos e hostis, a violências verbais e físicas. Ainda assim, os participantes concordam que “sair do armário” ainda é a melhor opção e não se envergonham da sua sexualidade. Os participantes da pesquisa relataram terem sido amantes de pessoas que estavam em relacionamento com parceiros do sexo oposto ou terem sido trocado por eles, o que mostra que muitos ainda não conseguem viver sua sexualidade assumidamente.

A maneira como a mulher lésbica vai experienciar a velhice irá depender do contexto em que está inserida, influenciada por diversos fatores individuais, sociais, econômicos, dinâmicas regionais, políticas, classes sociais e as práticas do dia a dia (ARRAIS *et al.*, 2014). No estudo de Fernandes-Eloi (2017), que buscou compreender a vivência da sexualidade de mulheres na velhice, a autora observou que as mulheres idosas entrevistadas (duas heterossexuais e uma homossexual) vivem plenamente sua sexualidade com, ou sem parceiros/as fixos/as. As participantes também não transmitiram os estigmas culturalmente associados aos idosos, como corpos debilitados, assexuados e enfraquecidos, e sim formas de experiências sexuais enredadas por trajetórias e relações no campo social e do afeto, que não se limitavam a uma representação de gênero baseada em comportamento tido como normal ou a um traço de personalidade.

Variáveis como classe e raça são consideradas fundamentais nas discussões de pesquisas sobre gênero e sexualidade (ARRAIS *et al.*, 2014). Segundo Munhoz (2017), o censo realizado pelo IBGE em 2010, que pela primeira vez incluiu perguntas sobre um (a) cônjuge do mesmo sexo, corrobora com a hipótese de que o recorte de classe, escolaridade e



região podem ser impeditivos para a afirmação da homossexualidade perante a sociedade. Dos 60 mil casais que se autodeclararam em relações homoafetivas, 36% pertenciam à classe A, 47% eram da B e 16% da C; 57% tinham nível superior, 40% médio e 3% ensino fundamental; 40% moravam em São Paulo, 14% no Rio de Janeiro, 8% em Minas Gerais e 8% no Rio Grande do Sul, com os 30% restantes espalhados pelos demais estados.

As produções acadêmicas que investigam o processo de envelhecimento dos indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil ainda são incipientes, havendo uma lacuna nesse campo de conhecimento, mostrando um silenciamento dos grupos minoritários (HENNIN, 2017; LEAL; MENDES, 2017). Os idosos desta comunidade carecem de políticas públicas e de uma compreensão que leve em conta as suas especificidades, que são desconsideradas tanto pela população geral, como pela própria comunidade mais jovem, como relatado nas pesquisas de Leal e Mendes (2017), Seffner e Duarte (2016) e Urquiza et al. (2020).

Ser homossexual não define como o envelhecimento irá acontecer, afinal, cada sujeito é único (PEREIRA *et al.*, 2015). Entretanto, existem marcadores sociais que impactam nesse processo, como mencionados por Antunes (2017, p. 330):

Local de origem, etnia/raça, classe social, faixa etária, escolaridade, valores morais, cultura, crenças religiosas, situação familiar, rede de amigos, qualidade dos relacionamentos, local onde mora, trabalho, saúde física e mental etc. do indivíduo em questão.

Estes marcadores precisam ser pensados, debatidos e estudados pela comunidade científica, favorecendo a visibilidade desses grupos e a promoção de políticas públicas que garantam o direito de envelhecer com qualidade, tendo seus direitos individuais, sociais, políticos, econômicos e culturais garantidos. Desse modo, o objetivo da presente pesquisa foi compreender a trajetória de vida de mulheres idosas e lésbicas, buscando identificar e analisar os fatores associados ao ato de perceber e assumir sua sexualidade em uma sociedade heteronormativa.

Método

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo de caráter exploratório, com metodologia de base qualitativa. A pesquisa qualitativa é compreendida por Godoy (1995, p. 21) como uma possibilidade “De se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Em concordância, Stake (2011, p. 48) acrescenta: “Uma maneira de fazer uma pesquisa qualitativa: encontrar os significados das experiências pessoais que transformam as pessoas.”

Participantes

Participaram desta pesquisa três mulheres idosas lésbicas integrantes de uma organização não governamental (ONG) que presta assistência à população LGBTQIA+ idosa do município de São Paulo. Este estudo desenvolveu-se a partir de uma amostragem por conveniência. Na amostragem por conveniência o pesquisador seleciona participantes da população observada que se mostraram mais acessíveis e disponíveis para colaborar com a investigação (FREITAG, 2018).

As participantes foram encaminhadas pela ONG e convidadas para a entrevista, tendo como critério de inclusão serem mulheres, lésbicas, com idade igual ou superior a 60 anos, conforme critério definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que considera como pessoa idosa no Brasil a população com 60 anos ou mais. Adotou-se como critérios de exclusão as participantes que tivessem algum comprometimento mental ou cognitivo que as impossibilitasse de responder por si.

Instrumentos e Procedimentos

Foram utilizados dois instrumentos para coleta de dados, sendo eles, um questionário de caracterização socioeconômica e um roteiro de entrevista semiestruturada, ambos elaborados pelas pesquisadoras. A entrevista semiestruturada é entendida por Minayo e Costa (2018) como uma modalidade que proporciona um roteiro com perguntas previamente elaboradas e em formato discursivo. Portanto, permite ao entrevistador “um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados.” (MINAYO; COSTA, 2018)



p. 142). O roteiro para o presente estudo foi formulado a partir de sete perguntas norteadoras, sendo iniciado com uma questão disparadora: “Gostaria de conhecer um pouco da sua trajetória. Conte sobre suas relações afetivas sexuais ao longo da sua vida”. As demais perguntas abordaram o processo de entendimento da sexualidade, refletindo sobre a infância, adolescência, fase adulta e velhice.

Após a indicação das participantes pela ONG, as entrevistas foram realizadas em ambiente virtual, utilizando a plataforma de vídeo conferências *Google Meet*. Os procedimentos de coleta online se justificavam pela necessidade do isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, considerando tratar-se de uma coleta realizada com um grupo de risco ao longo do ano de 2020. Ainda assim, não houve dificuldade para que as participantes realizassem a entrevista de modo remoto, considerando a familiaridade apresentada com os recursos tecnológicos. Após consentimento das participantes, as entrevistas foram gravadas e os dados coletados foram transcritos na íntegra pelas pesquisadoras, sendo posteriormente apagados e os registros arquivados por um período de cinco anos.

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Judas Tadeu e aprovada sob o número do Parecer 4.450.787 e CAAE 40546120.6.0000.0089, considerando as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, a fim de respeitar e prezar pela proteção das participantes, estabelecidos pela resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e resolução nº 510 de 7 de abril de 2016. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise dos Dados

Os dados obtidos por meio do questionário sociodemográfico das participantes foram apresentados de forma descritiva visando a caracterização do grupo entrevistado. Como método de tratamento das entrevistas optou-se pelo uso do procedimento de análise de conteúdo, sendo utilizada uma adaptação da análise de conteúdo proposta por Campos (2004) e Campos e Turato (2009). Segundo Campos (2004), a análise de conteúdo pode ser compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca dos sentidos de um documento. A análise de conteúdo aborda os dados de maneira indutiva, ou seja, a observação de aproximações e distanciamentos nas vivências individuais, permitindo novas formulações teóricas. Portanto, seu

objetivo é elaborar uma compreensão para as percepções investigadas, não tendo como propósito a generalização (MORAES, 1999).

Para a análise das entrevistas foram seguidas as seguintes etapas: (1) pré-exploração do material, envolvendo a transcrição e leitura flutuante das entrevistas, visando um primeiro contato com o *corpus* de análise; (2) seleção de unidades de significados relacionadas com o foco deste estudo, adotando o critério de repetição de informações relatadas pelas participantes ao longo das entrevistas; (3) construção de categorias temáticas a partir de critérios semânticos, considerando o agrupamento das diferentes unidades de significados com temas em comum; (4) discussão das categorias temáticas a partir do referencial teórico sobre gênero, sexualidade e velhice. Tendo em vista uma exposição mais dinâmica para a discussão dos resultados, na confecção deste artigo, foi feita a opção pela apresentação das categorias na forma textual, utilizando trechos dos relatos das entrevistas como meio de ilustração da discussão.

Resultados e Discussão

Visando à preservação do sigilo, os nomes fictícios escolhidos para cada uma das participantes foram emprestados de mulheres lésbicas que tiveram destaque em suas áreas de atuação e que também foram expoentes nas lutas por igualdade de direitos, seja no movimento lésbico, feminista ou na luta antiracista. Marielle Franco foi uma socióloga e política brasileira que lutava em defesa dos direitos humanos, atuando em organizações do movimento feminista, negro, LGBTQIA+ e de favelas. Míriam Martinho é uma das pioneiras do ativismo lésbico no Brasil, formada em letras, utiliza-se da palavra escrita para contribuir com a militância dentro de jornais e revistas voltados para as mulheres lésbicas. Audre Lorde foi uma feminista estadunidense, poeta e professora que traz questionamentos em seus escritos a partir de sua experiência enquanto mulher negra, lésbica e mãe.

Na Tabela 1, disposta a seguir, foram apresentadas informações referentes à caracterização das três participantes da pesquisa. O intervalo etário contemplou participantes entre 67 e 69 anos de idade. No que se refere à identidade de gênero, duas participantes autodeclararam-se lésbicas (Mariele e Míriam), enquanto uma identificou-se como pertencente ao gênero feminino (Audre). Considerando que gênero e orientação sexual são conceitos distintos, visto que gênero refere-se à construção social e identitária relacionada às



categorias de feminino, masculino e não binário, enquanto orientação sexual diz respeito à atração afetivo-sexual, identificou-se que houve certa imprecisão na utilização das nomenclaturas por parte das entrevistadas. No que diz respeito a situação ocupacional, todas são aposentadas, uma das participantes destaca como atuação sua participação como voluntária em uma ONG que presta assistência à população LGBTQIA+. As participantes Marielle e Audre possuem filhos, e apenas Míriam relata não estar atualmente em um relacionamento.

Tabela 1: Caracterização das participantes

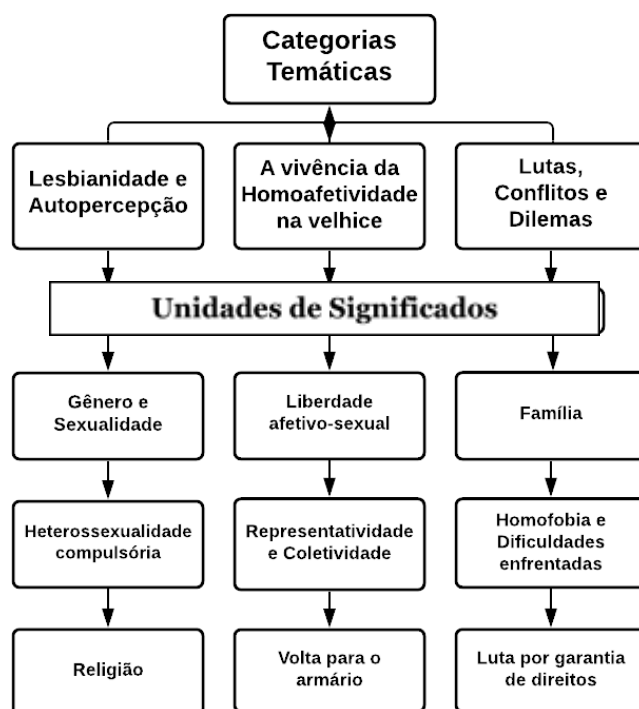
Participantes	Marielle	Míriam	Audre
Idade	68	69	67
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino
Cor/Raça/Etnia	Parda	Branca	Branca
Situação ocupacional	Professora Aposentada	Auxiliar de Enfermagem Aposentada	Voluntária em ONG
Escolaridade	Ensino Superior Completo	Ensino Médio Completo	Ensino Superior Incompleto
Relacionamento atual	Não está em um relacionamento	Relacionamento estável há 26 anos	Não está em um relacionamento
Filhos	1	0	1
Renda familiar mensal	Mais de 9 salários mínimos	De 3 a 6 salários mínimos	De 3 a 6 salários mínimos

Fonte: elaboração própria

A partir da análise de conteúdo foram definidas três categorias temáticas: 1) Lesbianidade e autopercepção; 2) A vivência da homoafetividade na velhice; 3) Lutas, dilemas e conflitos. As categorias foram construídas a partir das histórias de vida das participantes, buscando apresentá-las de acordo com as suas respectivas trajetórias. Visando contemplar a trajetória de vida das idosas, o foco das primeiras

categorias foi direcionado às etapas do desenvolvimento e como a sexualidade foi sendo abordada ao longo do amadurecimento pessoal das participantes na infância e adolescência, e também como é vivida na velhice. As categorias temáticas e suas respectivas unidades de significados foram apresentadas na Figura 1.

Figura 1: Categorias Temáticas.



Fonte: elaboração própria

Lesbianidade e Autopercepção

Nesta categoria foram abordadas as percepções das entrevistadas sobre a lesbianidade, ilustrando, a partir de suas narrativas, os processos envolvidos em se perceber lésbica em uma sociedade na qual a heterossexualidade é apresentada como único modelo de sexualidade possível, aspecto perpetuado pelas diferentes mídias de produções culturais (RICH, 2010). As unidades de significados mais frequentes nos relatos sobre lesbianidade e autopercepção, apresentadas nesta categoria, foram: gênero e sexualidade, unidade que aborda os questionamentos destas mulheres em relação ao “ser mulher” e “ser lésbica” e como essas experiências se cruzam; o papel da religião, tocada



em como as crenças religiosas contribuíram para que seus desejos fossem vistos como pecaminosos.

As questões sobre gênero e sexualidade aparecem no relato das participantes, entendidas como sinônimos. A experiência de não performar uma feminilidade historicamente imposta já na infância, foi associada pelas participantes como um momento importante em relação à autopercepção da lesbianidade, mesmo que esta ainda não pudesse ser nomeada como tal. Grillo e Lanzarini (2018, p. 187) afirmam: “(...) “ser lésbica” é uma identidade social e pessoal, mas não fixa e atravessada por outras identidades ao longo de sua vivência social e sexual”. Neste sentido, compreende-se que “ser lésbica” atravessa a experiência das participantes sobre o “feminino”, ou sobre o “ser mulher”, aspecto que pode ser observado na Tabela 1, onde as participantes Marielle e Mírian responderam no item “gênero” do questionário de caracterização que são lésbicas.

O termo gênero vem sendo utilizado por feministas como uma ferramenta teórica para compreender as relações sociais, hierárquicas e de poder que foram fundadas a partir das diferenças percebidas entre os sexos, uma “(...) criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres” (SCOTT, 1995, p. 7). As participantes Marielle e Audre relatam que na infância começaram a perceber que não se encaixavam nesse modelo socialmente construído da categoria “menina”, e por estarem inseridas em uma sociedade que entende o gênero de forma binária, compreendem que suas preferências, interesses e brincadeiras eram coisas de “menininho”, de “molecada”, como observado nas falas a seguir: “*então eu brincava com as molecadas, brincava de bola, de pipa, bolinha de gude, mas era tudo de molecada que eu brincava (...)*” (Marielle).

(...) Eu era uma moleca de gostar de jogar futebol, sabe? Eu ficava muito constrangida com isso, mas eu adorava, eu curtia muito, eu ia pra uma fazenda no interior de São Paulo, e lá tinha uma molecada que jogava futebol, eu jogava feliz da vida com eles sabe? Era sabe, uma maravilha, mas isso era muito constrangedor pra mim, eu achava que as pessoas estavam percebendo, que eu me sentia meio menininho, sabe? (...) (Audre)

No estudo de Alves (2010), sobre envelhecimento e homossexualidade feminina, as participantes entrevistadas também relataram a preferência na infância por brincadeiras e atitudes tradicionalmente atribuídas a “meninos”, aspecto significado por elas

como um primeiro indicativo da lesbianidade. No trecho da entrevista de Audre é possível observar o quanto as suas preferências por atividades designadas socialmente como de “meninos” pareciam para ela denunciar algo, neste caso a sua sexualidade. A participante foi a única que afirmou que desde a infância esteve ciente da sua lesbianidade: “Eu sabia que eu gostava mesmo das meninas e não dos meninos desde criança, apesar de ter, a gente sempre tem aquela coisa de achar que vai namorar um menino, mas não aconteceu porque realmente eu não tinha interesse nenhum”.

Mesmo que essa participante tenha se percebido enquanto lésbica desde a infância, os reflexos da heterossexualidade compulsória ainda estavam presentes, como retratado na sua fala, questionando se um dia namoraria um menino. A heterossexualidade compulsória é definida por Freitas (2022, p. 5) como “(...) um padrão normativo que, ancorado e reproduzido por instituições, expressa expectativas e demandas sociais fundadas nas relações heterossexuais enquanto as únicas reconhecidas como “naturais” e legítimas”.

Rich (2010) afirma que “não é dada às mulheres a possibilidade de não se relacionarem com homens ou se relacionarem com outras mulheres” (p. 31). Audre relata que passou a sua infância, e principalmente a adolescência, “muita quieta no armário”, afirmando que “apesar de ter tido interesse por algumas pessoas, amigas, colegas assim, e até prima me interessou, mas eu ficava quieta na minha, nunca expressava isso”. Como consequência, a participante significa sua infância e adolescência como períodos de profunda solidão, experiência que também é narrada pelos participantes homossexuais idosos do estudo de Alves (2016).

Marielle e Míriam também tiveram as suas primeiras experiências marcadas pela heterossexualidade compulsória. As participantes tiveram dificuldades em reconhecer suas primeiras experiências sexuais como legítimas, como demonstrado nos questionamentos de Marielle em relação a sua primeira relação íntima, que foi com uma mulher:

(...) aí com ela eu sentia assim, que do passar a mão no corpo aí sim ia até o gozo, mas assim mesmo, ainda pra mim, ainda não tinha, ainda não via assim, quê que era isso né (...) então eu sei que eu tinha aquele prazer né, mas ainda não entendia o quê que era aquilo.



Para Guattari (1981/1987) a moral sexual dominante estabelece que o gozo da mulher só pode ser reconhecido como autêntico se estiver a serviço de uma relação com um homem, numa lógica fálica. Marielle diz que não poderia ter se identificado como uma mulher lésbica naquela época, pois não saberia o que isso significava. Aspecto semelhante também foi relatado pelas participantes do estudo de Alves (2010), que relatam como foi difícil reconhecer a própria homoafetividade por não ser algo colocado e discutido. Marielle entendia que o único modelo de relacionamento que existia era o heterossexual, com um homem, logo as suas primeiras experiências lhe pareciam mais como uma “brincadeira”, como pode ser observado a seguir:

(...) se eu beijei uma menina, naquela menina quando tinha oito anos, nem era pra dizer assim: ah, será que eu sou lésbica? Porque não saberia o quê que era isso né, então beijou por beijar, não tinha, se eu passei a mão na minha prima, porque não foi nem com a menina, eu não passava né, só era beijinho mesmo, mas não tinha isso, eu, olha, então eu acho que quando eu vou ser, eu vou gostar só de mulher, não, não passou isso na minha cabeça.

Para Guattari (1981/1987), a saída possível para uma libertação das normas e modelos sociais impostos historicamente, seria a transgressão da rotina “(...) dando ao desejo um meio de se exprimir no campo social” (p. 66). A participante Míriam relata que começou a questionar seus desejos e sua sexualidade de forma mais consciente na sua primeira experiência afetiva com mulheres, como é ilustrado pela sua fala:

É, eu tinha sempre um querer, uma amizade mais forte, com algumas delas, né. Mas nada assim marcante na minha vida, mas agora o que ficou marcado na minha vida assim foi mesmo foi esta pessoa que eu fiquei com ela, com 16 anos, foi à primeira vez né, 16 para 18 anos. Que nesta época eu já estava com um rapaz, eu já estava namorando com ele, mas foi o que marcou minha adolescência mesmo, foi ela, que ficamos juntas e que daí as coisas começou a ser diferente né? Pra mim, a minha visão começou a ficar diferente, isto me marcou muito, né.

Ainda que esse desejo possa ter tido vazão, os valores religiosos introjetados por Míriam a impediam de vivenciá-lo integralmente, gerando uma compreensão do seu desejo como um ato pecaminoso, como ilustrado nas falas a seguir:

Eu ainda achava que eu não tinha que ter relacionamento com mulher, que vim de uma família muito católica tava sempre participando da igreja católica, então eu achava que isso pra mim era um pecado (...) aquela noite com ela ficou muito presente na minha vida, mas assim eu achava que tudo aquilo era um pecado, encontrei várias vezes ainda com ela, mas sempre assim negando tudo aquilo que tinha acontecido com a gente.

A influência religiosa também aparece nos estudos de Lemos (2015) em que os participantes relatam preconceitos e julgamentos que sofreram por parte da comunidade religiosa que frequentavam. Para Foucault (2004), o poder é algo que nos forma enquanto sujeitos e que orienta o nosso desejo, não só no sentido de oposição, mas também de aceitação e de internalização. O autor chama de “sujeição” o processo pelo qual nos tornamos subordinados ao poder, e concomitantemente, nos tornamos sujeitos. Este poder, que primeiro é visto como pertencente à exterioridade, nos pressionando à subordinação, em um segundo momento irá assumir um formato psíquico e será constituinte da subjetividade. Desse modo, o processo de formação subjetiva e as relações de poder que foram internalizadas pelas entrevistadas, impactaram a forma como elas se perceberam e significaram seus desejos, fazendo com que elas só conseguissem viver livremente sua sexualidade na velhice, conforme será exposto na categoria temática seguinte.

A Vivência da Homoafetividade na Velhice

Os relatos desenvolvidos pelas participantes sobre a velhice, revelam que estas mulheres experienciam essa temporalidade da vida com maior liberdade afetivo-sexual. As três participantes relataram que, atualmente, do ponto de vista social/cultural, percebem a possibilidade de se viver a homoafetividade com maior liberdade, o que também foi observado pelos participantes do estudo de Alves (2016).

Nas suas falas, as participantes destacam como fatores que favorecem a maior liberdade de expressão, a representatividade nas mídias, principalmente na internet, a possibilidade de se discutir sobre outras configurações de sexualidade na sociedade e a criação de espaços de convivência, como na ONG que frequentam, que possibilitou às participantes o sentimento de pertencimento e de reconhecimento entre semelhantes. Portanto, a liberdade afetivo-sexual, a representatividade e a coletividade, como também o medo de "voltar para o armário", foram



conteúdos importantes relatados pelas participantes sobre a vivência da homoafetividade na velhice, temas que foram objeto desta categoria.

Poder viver os seus afetos com maior liberdade, sem o peso dos julgamentos, internos e externos, podendo desejar e reconhecer esse desejo como legítimo, são aspectos que influenciaram positivamente a forma como estas mulheres estão vivenciando a velhice. A experiência de estar “dentro do armário” durante muitos anos, não diz respeito “apenas” à dimensão quase que literal de não poder estar publicamente com a pessoa com a qual se relaciona, mas também mantém relação com uma dimensão subjetiva de estar identificada com um discurso que foi construído historicamente e que enquadra os relacionamentos destas mulheres como práticas anormais, desviantes e doentes (FERNANDES-ELOI, 2017). Dessa forma, sair e permanecer “fora do armário”, e de certa forma, se libertar da lógica discursiva que classifica a homoafetividade como perversidade, é tido como um ato libertador e fonte de felicidade, como ilustrado na fala da participante Míriam:

(...) tô muito mais feliz agora do que quando eu tinha meus 24 pra 25 anos, que você via casal hetero saindo de mão dada, indo pro cinema e a gente não podia fazer nada disso, nada disso a gente podia fazer, principalmente quando você vive dentro do armário.

Para essas mulheres, o reconhecimento de que as suas relações afetivo-sexuais são tão válidas quanto as heterossexuais, se deu em grande parte pela possibilidade de outros casais homoafetivos sendo representados nas mídias e por meio de interações promovidas por grupos, ou espaços de convivência, sendo alguns deles próprios para a comunidade LGBTQIA+ idosa, como a ONG que frequentam. A fala da participante Audre ilustra como a representatividade, o compartilhamento de experiências e o sentimento de reconhecimento entre pares são importantes para esse processo de legitimação da (homo) sexualidade:

(...) hoje em dia se tem né? Se tem um vasto repertório pra você pesquisar, pra você olhar, se você entrar na internet você acaba se informando, você conhece outras pessoas, você divide estas coisas, mas no meu tempo, era muito solitário (...) a partir deste ano que conheci a ONG, tenho tido conversas que eu não tinha tido a minha vida inteira, sabe? Eu descobri coisas, poxa que nunca pensei nisso, sabe? As pessoas falam umas coisas (risos) eu falo é pois é igual (risos).

Segundo Castañeda (2007), o reconhecimento da homossexualidade é muitas vezes acompanhado de isolamento e solidão, considerando os potenciais conflitos com a família e sociedade, aspecto retratado nas pesquisas de Alves (2016), Munhoz (2017), Pereira et al. (2015) e Seffner e Duarte (2016), em que os participantes, em sua maioria homens homossexuais idosos, ainda vivem de forma sigilosa e discreta como forma de evitar desconforto e sofrimento. Tal aspecto demonstra que a sociedade ainda não oferece segurança e estabilidade para as pessoas homoafetivas, e que espaços como ONGS e comunidades LGBTQIA+, frequentados pelas participantes, são importantes para que no momento desse reconhecimento, o isolamento dê lugar à possibilidade de pertencimento e de aceitação.

Corroborando com os aspectos observados nas pesquisas de Alves (2016), Leal e Mendes (2017) e Arrais *et al.* (2014), as participantes da presente investigação também relatam vivenciar melhor a velhice em decorrência da atual colocação social e financeira, que lhes permite uma maior autonomia e liberdade. A autonomia e a liberdade conquistadas são traduzidas nas escolhas das pessoas com quem elas irão conviver e os espaços frequentados, relacionando-se com pessoas que irão respeitá-las, entendê-las e compartilhar experiências de vida semelhantes, aspecto que não foi possível na maior parte das suas vidas, dada às relações impostas por trabalho, família ou até mesmo ciclos sociais e de amizade. Essa condição, aliada às possibilidades de interação e de acolhimento promovidos por ONGs e ações coletivas da comunidade LGBTQIA+, mostram-se fundamentais para que as participantes se sintam pertencentes, como ilustrado nas falas de Mirian e Marielle:

Se a gente tinha uma tranca que ainda prendia a gente, né? A gente soltou esta tranca, hoje a gente vive mais livremente, a gente fala onde vai, participa, sai em fotos, a gente não tem mais receio nenhum (...) participando da ONG a gente tá sempre junto saindo, agora durante a pandemia não, a gente não parava em casa um dia, a gente participava do coral, a gente ia pro teatro, pro café juntas, né? (Miriam)

(...) aí eu falei aqui é o meu lugar, aqui eu posso falar de mim, posso abraçar outras pessoas e não ter mais vergonha de ser quem eu sou, nem da minha idade e nem da minha sexualidade e com isso abri minhas portas, mais ainda. (Marielle)



Entretanto, as participantes reconhecem que essa liberdade conquistada pode ser comprometida caso, no futuro, lhes faltem recursos financeiros ou de saúde para manter sua autonomia, o que poderia levá-las a terem que “voltar ao armário” novamente, como é colocado na fala das participantes Míriam e Audre, respectivamente:

Se eu for prum asilo, vai ter um asilo que vão me acolher como mulher lésbica ou eu vou ter que voltar pro armário, né? Isto que se torna difícil na velhice da gente (Míriam).

A própria pessoa não conseguindo viver sozinha, precisa viver com a própria família, às vezes volta pro armário, sabe? Pra não chatear a família que não aceita (Audre).

O laço social para estas mulheres substituiu muitas vezes o apoio e o amparo que elas “tradicionalmente” deveriam receber da família, mas é também no campo social que elas temem ser novamente oprimidas, caso, por exemplo, venham a necessitar viver em uma instituição geriátrica, uma realidade temida pelas participantes, que mostra o quanto à sociedade ainda condena essa comunidade, como anunciado na fala da Marielle: “as lésbicas, os trans, os gays (...) na casa de LPI não aceitam quase, quando aceitam, quando você vai com seu companheiro ou companheira eles querem que se separe, porque não pode tá juntos”.

A família, muitas vezes, reproduz essa visão tratando como tabu as relações homoafetivas do próprio núcleo familiar, não falando sobre o assunto, tratando o parceiro (a) afetivo-sexual como amigo (a), como foi relatado pela participante Miriam, como se as relações não heterossexuais fossem um mau exemplo. De todo modo, na atualidade, a família é trazida pelas participantes de maneira ambivalente, em alguns momentos significada como fonte de sustentação e em outros como fonte de temor, aspectos que compõem parte importante das lutas, desafios e dilemas presentes em suas trajetórias de vida, que foram o objeto da próxima categoria temática.

Lutas, Dilemas e Conflitos

Ainda que cada uma das entrevistadas tenha vivido e enfrentado à sua maneira e com diferentes recursos as “dores e delícias” de ser uma mulher lésbica em uma sociedade machista e heteronormativa, suas trajetórias se assemelham e se encontram em muitos aspectos, no que

diz respeito as suas lutas, seus conflitos e seus dilemas. Neste sentido, foi apresentado nessa categoria os dilemas dessas mulheres em relação à família, a homofobia e as dificuldades que elas encontraram para viver seus relacionamentos, para partilharem legalmente os bens materiais conquistados com suas companheiras, conflitos em relação à adoção e também como elas compreendem as conquistas de direitos e a luta necessária para a permanência dos direitos conquistados.

De modo geral, a auto aceitação da lesbianidade para essas mulheres foi vivida como um processo longo e atribulado. Desse modo, a família, ainda que tenha exercido influência indireta por meio dos ideais e valores transmitidos e desejados, compõe essa história de forma secundária, em que cada uma das participantes viveu de modo singular. A participante Audre conta que sua maior dificuldade foi aceitar, ela mesma, que gostava de mulheres. Em se tratando da aceitação familiar, Audre afirma que foi um processo natural: *“As pessoas percebiam e aceitavam, minha família sempre aceitou muito bem, não tive problema nenhum, nenhum constrangimento, felizmente sou muito sortuda.”*

Considerando que a auto aceitação da homoafetividade é um processo, já que o modelo socialmente aceito é o heterossexual, o fato de falar para família sobre o tema seria, tradicionalmente, o último passo desse movimento, o que para Audre não foi necessário, uma vez que a própria família foi facilitadora, aceitando “naturalmente” (MARVIN; MILLER, 2002).

A participante Míriam, que veio de uma família muito conservadora, nunca contou para a família diretamente sobre os seus relacionamentos. De acordo com a participante, seus familiares só tomaram conhecimento oficial sobre a sua sexualidade recentemente, quando ela deu uma entrevista para um jornal que repercutiu nas redes sociais. Nesta época, seu pai e sua mãe já tinham falecido, a participante conta que a reação do restante dos familiares foi muito boa:

um monte de gente da minha família já tinha comentado né, de 200 e tantos de comentários que teve, não teve um que me deixou chateada, nada, foi só elogio, só falando bem nos incentivando ainda mais a gente. (Míriam)

Já Marielle relata que fatores como ter sido casada com um homem, ter tido uma filha desse relacionamento e ter vivido um



relacionamento abusivo com a primeira mulher com quem se relacionou oficialmente, dificultaram sua relação com a família e a maneira como enxergaram todo o processo, e que, por mais que depois de algum tempo ela tenha conseguido o apoio da mãe, da filha e até do ex marido, o restante da família sempre agiu com hostilidade e preconceito. A participante relatou um episódio triste que ocorreu no dia do velório da sua mãe, em que ouviu piadas ofensivas de uma de suas primas sobre o fato de seu ex marido e sua ex companheira estarem prestando as condolências para ela, que estava acompanhada de sua atual companheira na época, que hoje é falecida.

Ali era lugar? momento? (...) minha mãe era muito querida, então aí vem a minha prima lá de cruzeiro que veio, pra falar essa besteira, isso é uma maneira de discriminação, preconceito porque a “Marielle e seus 3 maridos”, quer dizer ainda pôs a Cida e a Silvana como homens, seus 3 maridos... (Marielle)

A homofobia foi uma constante na trajetória de vida dessas mulheres. As participantes relataram as dificuldades que enfrentaram por serem lésbicas, que vão desde formas sutis de discriminação, como serem mal atendidas por profissionais de saúde, principalmente ginecologistas, a falta de reconhecimento jurídico que as impediram de dividir patrimônios ou bens materiais ao saírem de relacionamentos, bem como a impossibilidade de adotar legalmente uma criança, fato que foi narrado por Audre como o maior desafio da sua vida. As dificuldades também incluem agressões diretas ou violentas como a que a companheira de Míriam sofreu, pelo simples fato de estarem andando juntas pela rua, como relatado pela participante:

Nós não estávamos nem de mão dada, estava uma longe da outra, ele passou entre nós duas, deu um safanão, ela que era muito magrinha, que caiu bateu a orelha no orelhão, se machucou, fez um corte na orelha dela, e aí gente ficou tão apavorada, tão apavorada, com a blusa mesmo estancou o sangue fomos pra casa.

De acordo com Hooks (2019) onde há opressão, há também resistência, e neste sentido, hoje as participantes resistem juntas, se apoiando e unindo forças para superar as diversas formas de violências que sofreram ao longo da vida. As participantes reconhecem que muito ainda precisa ser feito, principalmente em relação à velhice das pessoas da comunidade LGBTQIA+, que caso não possuam condições financeiras

e de saúde, muito provavelmente estarão desamparados (as). As participantes também trazem a preocupação em relação aos direitos conquistados, que não são permanentes e podem estar ameaçados, e acreditam que a luta seja a única saída para a garantia destes direitos, tal como ilustrado pelas falas a seguir:

Então eu posso me sobreviver, eu posso viajar, graças a Deus, mas e outros que só tem aquele dinheirinho pouco, esses que ainda não tem um local, não tem onde morar (...) que a gente consiga continuar, pra gente ter um local pra todos nós, eu acredito nisso. (Marielle)

E muitas coisas que já foram adquiridas por nós, hoje em dia este governo tá tirando, este presidente tá tirando, então é assim. (...) nós temos que continuar lutando, lutando pra que a gente consiga mais algumas coisas pra nós, que nós precisamos, espero que nunca acaba o casamento né? Que nunca acaba a união estável, pra que a gente consiga ficar com isso. (Miriam)

Estar à margem, no sentido de não estar no “centro” correspondente às normas hegemônicas de gênero, sexualidade ou idade, não se resume em ocupar um lugar de privações, perdas ou ausência de fala, como identificado na trajetória de vida destas mulheres. Segundo Kilomba (2019), estar à margem significa também ocupar um espaço de possibilidade, não se pretende com essa afirmação romantizar a opressão, mas sim de mostrar que o lugar onde essas mulheres estão do ponto de vista social também é um lugar de resistência, de luta, um lugar em que essas mulheres se apropriaram de seus desejos, desafiaram as normas vigentes e traçaram um caminho para que novos discursos sejam possíveis e que coexistam de forma legítima com os já existentes.

Considerações Finais

O objetivo do presente estudo foi analisar as percepções de idosas lésbicas sobre suas trajetórias de vida. A partir dos resultados, foi possível compreender como a heteronormatividade afetou a forma como as participantes vivenciaram seus relacionamentos afetivo-sexuais e as dificuldades que tiveram em aceitar e viver sua lesbianidade em sociedade, ainda que cada uma tenha vivido essa experiência de forma singular.



No contexto geral da trajetória de vida destas mulheres, o preconceito social de uma sociedade homofóbica fez com que elas tivessem que reprimir seus desejos reprovados pelos meios sociais ou pelo núcleo familiar, sendo esse último colocado como um problema menor do que o enfrentado em outras instâncias sociais. Como exemplos de conflitos vivenciados no campo social, as participantes relataram as violências vivenciadas no sistema de saúde e jurídico, enfatizando a falta de preparo dos profissionais da área da saúde, referente ao trato com as mulheres lésbicas, necessitando de um maior entendimento por parte destes profissionais para saberem como lidar nas questões sexuais e ginecológicas. No âmbito jurídico na época que as participantes tinham seus relacionamentos com pessoas do mesmo sexo, não havia amparo de políticas públicas, em casos de adoção e na seguridade da união estável para casais homoafetivos. Na atualidade este quadro dos benefícios relacionados à união estável vem ganhando êxito em suas conquistas.

Outro ponto a ser destacado está relacionado à relevância da estabilidade econômica, ressaltada de maneira unânime pelas participantes como, demonstrando que a renda, associada às conquistas sociais para as pessoas homoafetivas, lhe permitiram um maior conforto e autonomia na velhice. A preocupação com os indivíduos da comunidade LGBTQIA+ que não possuem uma condição econômica para se manterem financeiramente e a preocupação que estes idosos e idosas possam cair na marginalidade, são pontos relevantes relatados pelas participantes. Outra preocupação apresentada pelas participantes é o risco de irem para uma instituição geriátrica na qual terão que voltar para o “armário”, caso este local não permita a liberdade para expressar sua orientação sexual.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foi possível identificar no levantamento realizado no campo das pesquisas literárias e bibliográficas, uma escassez de material no que diz respeito às especificidades da mulher lésbica idosa, demonstrando que a homoafetividade feminina é subjugada a uma visão machista e patriarcal. Tal achado aponta para a necessidade de estudos sobre as questões que envolvem a posição da mulher enquanto idosa e lésbica perante a sociedade heteronormativa.

Referências

ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horizontes Antropológicos*, [S.L.], v. 16, n. 34, p. 213-233, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200010>.

ALVES, Laís de Souza. "Não é opção, isso vem, nasce na pessoa": Percepção de preconceito por homossexuais masculinos idosos nos contextos de família, trabalho e amizades. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/9056>.

ANTUNES, Pedro. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. *Revista Kairós: Gerontologia*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 311-335, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i1p311-335>.

ARRAIS, Renata Albuquerque; LIMA, Ana Augusta Ferreira de; SANTIAGO, Kleyton Cesar. Homossexualidade: Sexualidade no envelhecimento. *Temporalis*, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 221-239, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.22422/2238-1856.2014v14n28p221-239>.

CAMPOS, Claudinei José Gomes; TURATO, Egberto Ribeiro. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 17, n. 2, p. 259-264, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000200019>.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: Ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>.



CASTAÑEDA, Marcus. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: A Girafa, 2007.

CRENITTE, Marina R. F.; MIGUEL, Danilo F.; JACOB FILHO, Wilson. Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. *Geriatrics, Gerontology and Aging*, v. 13, n. 1, p. 50-56, 2019.

CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens*. São Paulo: Penso Editora, 2014.

FERNANDES-ELOI, Juliana. *Homofobia internalizada, satisfação corporal, satisfação sexual e envelhecimento de mulheres lésbicas no Brasil*. 2017. 301 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 17^a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. (Originalmente publicado em 1988).

FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de. A importância do reconhecimento social na construção da identidade sexual de mulheres não heterossexuais no sul da Bahia. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 64, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202200640014>.

FREITAG, Raquel Meister Ko.. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência?. *Revista de Estudos da Linguagem*,

v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12412>.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 283-323, 2017. Disponível em: doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010>.

HOOKS, Bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/20595>.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Originalmente publicado em 1981).

GRILLO, Camila Karla; LANZARINI, Ricardo. Fixidez e a desconstrução: Uma discussão sobre a identidade lésbica invisibilizada nas artes. *Revista Ártemis*, Fortaleza, v. 25, n. 1, p. 183-202, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo contabiliza 60 mil casais gays; metade mora no Sudeste*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Idosos indicam caminhos para uma melhor idade*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2019.



KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEAL, Maria das Graças Santos; MENDES, Márcia Regina Oliveira. A Geração duplamente silenciosa: velhice e homossexualidade. *Revista Portal de Divulgação*, v. 51, p. 18-35, 2017.

LEMOS, Andréa Evangelista. *Homossexualidade e velhice: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos*. 2015. 72 p. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/136072>.

MARVIN, Carollyne; MILLER, David. Os casais de lésbicas na entrada do século XXI. In: PAPP, Paulo (Org.). *Casais em Perigo: novas diretrizes para terapeutas*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 269-294.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, v. 40, n. 40, p. 139-153, 2018. Doi: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MUNHOZ, Daniela Bittencourt. *A constituição do vínculo e o legado familiar heteronormativo em casais homossexuais longevos, femininos e masculinos*. 2017. 297 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: doi:10.11606/T.47.2017.tde-03102017-175454.

PEREIRA, Karina Cabreira da Silva Alves; CHAVES, Patrícia Regina de Sousa; SANTOS, Francile Lopes dos; SÁ, Elen Fernandes de Sousa; ARRAIS, Ana Raquel. Autoconceito em idosos homossexuais: um estudo

exploratório. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 259-275, 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, Natal, v. 4, n. 5, p. 18-44, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-31431996000200005>.

SEFFER, Fabiano; DUARTE, Gustavo. E quando não há muito mais o que guardar no armário? Homossexualidades e processos de envelhecimento. *Revista Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, Natal, v. 9, n. 13, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/9649>.

STAKE, Robert E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011

Old age and homosexuality: The trajectory of elder lesbian women

ABSTRACT: The increasing number of elders in the Brazilian population brings forth the topic of the plurality of aging, incorporating to this topic discussions about gender and sexuality in this stage of life. This research aimed to analyze the life trajectory of elder lesbian women. This is a qualitative field study which included three lesbian elderly women who are part of a non-profit organization in the metropolitan region of São Paulo. We carried out semi-scripted interviews with questions about the trajectory of aging of the participants. Data were analyzed using the procedure of content analysis. The results showed that participants had trouble regarding self-acceptance when it comes to being lesbian. They also faced different challenges to be able to have their affective sexual relations throughout their lives. We found that current social and financial conditions, conquered in old age, allowed more freedom and autonomy to live their relationships. The importance of NPOs and social support in this stage of life was also highlighted.

KEYWORDS: Aging. Homosexuality. Women. Gender.

Fannya TALILIA BATISTA DE SOUZA

Fannya Talilia Batista de Souza. Psicóloga. Especialista em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde. Profissional do SUS no Ambulatório Médico de Especialidades Psiquiatria da Secretaria do Estado de São Paulo.

Ianara CRISTÓVÃO DE HOLANDA

Graduada em Psicologia pela universidade São Judas Tadeu. MBA Gestão de Pessoas, liderança e coaching da Faculdade Anhembí Morumbi. Especialização em Psicologia Analítica pela FACIS. Formação em Neurociência da emoção pelo Instituto Fran Maftum Treinamento e desenvolvimento humano Ltda.

Michelle de JESUS DIAS

*Psicóloga, Mestre em envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu. Profissional do SUS na Unidade Básica de Saúde da prefeitura de Mauá/SP. Docente convidada.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1619-9964>*

Rodrigo JORGE SALLES

*Psicólogo, doutor e mestre em psicologia clínica pelo instituto de psicologia da universidade de São Paulo. Docente no curso de graduação em psicologia e programa de pós graduação stricto sensu em ciências do envelhecimento da universidade São judas
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0485-4671>*

Recebido em: 26/05/2023

Aprovado em: 21/09/2025